

A UTILIZAÇÃO DE ATIVIDADES LÚDICAS: INCORPORANDO TEMAS DE INTERESSE DOS ALUNOS EM SALA DE AULA

Alessandra Roque dos SANTOS¹
Licencianda em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

O objetivo deste artigo é demonstrar, a partir dos estudos de Kleiman (2000) e de outros educadores como Paulo Freire (1996) e Ruiz (1998), a importância de se incorporar às aulas assuntos de interesse dos alunos, misturando-os com os conteúdos exigidos pelo currículo. Para isso, analisamos os resultados obtidos através de nossa sequência didática aplicada na Escola Estadual Orestes Guimarães para uma turma de 7º ano. Verificamos que a utilização do tema “super-heróis”, em nossas aulas, para abordar parágrafos argumentativos, corroborou com um maior engajamento dos alunos. Conclui-se que esse engajamento é resultante da percepção dos alunos de sua importância e, conseqüentemente, de se sentirem parte ativa no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Atividades Lúdicas; Aprendizagem; Integração; Aluno.

Introdução

No dia a dia da escola, os alunos são submetidos a inúmeros conteúdos e atividades de todas as matérias que estudam. A utilização de atividades lúdicas faz-se, portanto, uma ferramenta necessária no desenvolvimento das aulas, com o intuito tanto de fazê-los se interessar mais pelo tema trabalhado como de proporcionar um momento de diversão e descontração na sala de aula, integrando os alunos e o professor. A ludicidade pode ser trazida para a sala de aula simplesmente através da incorporação, às matérias exigidas pelo currículo escolar, de temas do contexto social dos alunos ou de temas pelos quais eles se interessem.

Durante nosso estágio de observação e regência na Escola Estadual Orestes Guimarães, procuramos desenvolver os conteúdos através de atividades divertidas

¹ Endereço eletrônico: alesantos.roque97@gmail.com

que mobilizassem a participação e o interesse dos alunos. Para exemplificar, comentaremos, neste artigo, como foi desenvolvida nossa sequência didática com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental. Uma turma que, em geral, era interessada e participativa, sendo, porém, também formada por alunos que eram ou mais tímidos ou até mais bagunceiros, os quais no dia a dia ficavam, de certa forma, excluídos das atividades e não demonstravam interesse por elas.

Utilizando atividades lúdicas na sequência didática

Para planejar e aplicar nossa sequência didática, escolhemos a turma do 7º ano D, por ser a mais interessada e com menos problemas de comportamento. Inicialmente, conversamos com a professora para saber o que poderíamos trabalhar com os alunos e ela autorizou que escolhêssemos qualquer tema já estudado por eles no decorrer daquele semestre. Para isso, a professora nos disponibilizou cinco aulas no mês de novembro que, de acordo com o planejamento inicial dela, já seriam destinadas para revisar os conteúdos. Por fim, decidimos trabalhar com os alunos o “Parágrafo Argumentativo” de uma forma mais lúdica. Como tema geral de nossas aulas, concordamos em trabalhar com super-heróis, por ser este um assunto bastante querido pela maioria dos alunos dessa turma.

Iniciamos nossa primeira aula com perguntas polêmicas sobre o universo dos super-heróis, de modo a despertar a curiosidade dos alunos e engajá-los. Depois que eles haviam percebido como suas respostas eram divergentes, perguntamos se eles já tinham estado em uma situação na qual precisaram defender sua opinião e como eles haviam feito isso. Assim, os alunos constataram que, para defender um ponto de vista, eram necessários argumentos. Em seguida, questionamos se eles sabiam qual era o gênero textual que poderíamos usar com esse fim e, a partir daí, fomos lembrando e anotando na lousa as características e a estrutura do texto argumentativo. Para finalizar essa aula, escolhemos uma das perguntas iniciais que teve menor índice de divergência e produzimos, juntamente com os alunos, um artigo de opinião na lousa, a partir do ponto de vista da maioria deles.

Na segunda aula, realizada no mesmo dia, fizemos um exercício de sensibilização. Pedimos para que cada um dos alunos retirasse uma folha de seu

caderno e escrevesse “sim” em um lado e “não” do outro. Em seguida, fizemos uma sequência de perguntas polêmicas com possibilidade de respostas afirmativas ou negativas, sobre super-heróis e outros temas diversos, e eles deveriam levantar as plaquinhas que fizeram de acordo com seu ponto de vista. Por fim, pedimos, como produção inicial, para que escolhessem a pergunta que mais chamou a atenção deles e produzissem um parágrafo justificando, com argumentos, sua opinião.

Para a aula seguinte, levamos o artigo de opinião “Seja humano, seja herói”, escrito por Leonardo Mourão para o site **SuperInteressante**, a fim de que os alunos tivessem contato com um texto do gênero que estávamos trabalhando. Após realizar a leitura junto com os alunos, passamos a eles algumas questões interpretativas. Para responder à primeira pergunta, os alunos precisavam identificar qual era a opinião do autor sobre super-heróis e quais foram os argumentos utilizados por ele para defender tal ponto de vista. Na segunda questão, os alunos foram convidados a refletir sobre quais atos humanos podem ser considerados heróicos e como pessoas normais podem salvar o mundo aos poucos. A terceira e última questão pedia que eles escrevessem sobre uma pessoa que considerassem “super”, explicando o que essa pessoa havia feito para ser considerada como tal.

Após já termos corrigido as produções iniciais dos alunos e as questões que eles haviam respondido na aula anterior, decidimos organizar um debate. Retomamos as perguntas que fizemos na primeira aula e dividimos a sala em um lado para “sim” e outro para “não”. Os alunos tinham que ficar em pé e se direcionar para o lado correspondente à sua opinião, mudando de lado conforme mudávamos a pergunta. Dessa vez, no entanto, além de opinar, os alunos deveriam argumentar a favor de seu ponto de vista, de forma a convencer os colegas que permaneceram no meio da sala. Para organizar o debate, apenas o aluno que estava segurando o “microfone” (que na verdade era um guarda-chuva) podia falar e os outros deveriam permanecer em silêncio. O que não funcionou 100%, mas ajudou e fez com que eles se divertissem bastante.

Reservamos nossa última aula para que os alunos fizessem a reescrita dos textos, uma vez que eles tinham desenvolvido mais argumentos através dos debates e já estavam mais familiarizados com o gênero depois das nossas aulas. Sendo assim, devolvemos os textos que havíamos corrigido e fomos nós (minha colega Aparecida,

a professora B e eu), de mesa em mesa, conversando com os alunos sobre como eles iriam corrigir os erros apontados pela correção e ampliar seu texto.

Como recurso didático, utilizamos a lousa, as plaquinhas de “sim” e “não” feitas pelos próprios alunos, o guarda-chuva que usamos como microfone e o artigo de opinião que imprimimos com a verba destinada ao projeto de Residência Pedagógica no IFSP.

Avaliando os resultados

A **Base Nacional Comum Curricular** (BRASIL, 2018) prevê o ensino da produção de parágrafos argumentativos para as aulas de Língua Portuguesa do 7º ano. De acordo com esse documento, um dos objetivos do ensino de português para essa série é qualificar e ampliar a participação das crianças nas práticas relativas ao trato com a informação e a opinião, de modo a permitir que identifiquem e avaliem os posicionamentos e argumentos contidos em um texto oral ou escrito. Não apenas para construir conhecimentos e desenvolver as habilidades de ler e produzir textos, mas também a sensibilidade de se interessar pelos fatos que acontecem em sua comunidade, escutar os colegas e desenvolver seu pensamento crítico. Isso promove o desenvolvimento da autonomia e dá voz aos alunos através da reflexão crítica sobre um assunto e da exposição de seu ponto de vista, participando de discussões de modo ético e respeitoso.

De acordo com Kleiman (2000), parte significativa do processo de letramento do aluno pode ser adquirida a partir da observação, por parte dos professores, do que interessa à turma. Unindo, dessa forma, um assunto que os alunos gostam e os objetivos e conteúdos do currículo escolar. Nossa sequência didática foi pensada com o objetivo de permitir aos alunos revisar o parágrafo argumentativo através de uma abordagem diferente, que levasse em conta assuntos que a eles interessavam e permitisse que participassem mais da aula expondo suas opiniões e ouvindo os colegas.

A partir da análise dos resultados, acreditamos ter conseguido atingir esses objetivos, já que os alunos ficaram bastante empolgados durante nossas aulas. Eles gostaram do tema escolhido e até os alunos mais dispersos participaram e fizeram as

atividades propostas por nós. Entendemos que conseguimos tornar significativas as atividades que propusemos, uma vez que, além de aprender sobre o gênero, os alunos também aprenderam que, para convencer alguém, era preciso escutar primeiro, e depois argumentar. Eles perceberam que não adiantava gritar ou brigar, só seria possível convencer seus colegas através da qualidade de seus argumentos.

Em nossa correção, nos preocupamos em não roubar a autoria do texto, já que um de nossos objetivos era justamente dar voz aos alunos. Sendo assim, decidimos optar pela correção indicativa que, segundo Ramos (2003), consiste na indicação, por meio de um símbolo, do erro do aluno. Dessa forma, pudemos ir, de mesa em mesa, conversando com os alunos sobre os erros apontados e sobre qual seria, na opinião deles, a melhor forma de corrigi-los. Através da reescrita, os alunos, pela primeira vez, retomaram o próprio texto e tiveram a oportunidade de refletir sobre ele, melhorando e desenvolvendo com o auxílio de um professor. Estabelecemos, portanto, uma relação simétrica com nossos alunos, corrigindo o texto através do diálogo, de modo não autoritário. Tal método dialógico foi aplicado por nós pensando na teoria de Paulo Freire (1996), que prega o desenvolvimento de alunos sujeitos de seu aprendizado.

Nossa sequência didática foi planejada, a partir do texto de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), como um conjunto de atividades que tiveram por objetivo ajudar os alunos a dominarem melhor o texto argumentativo. Inicialmente, nós só havíamos planejado a primeira e a segunda aulas, nas quais apresentamos o tema, identificando com os alunos a função e as características do gênero. Percebemos, nessa etapa, que os alunos já sabiam bastante sobre o assunto e conseguiam lembrar com facilidade sua estrutura. Solicitamos também nesse dia uma produção inicial, para que pudéssemos avaliar o conhecimento prévio dos alunos.

Através da correção dessa produção inicial, constatamos que eles possuíam dificuldade em elaborar argumentos e estruturar logicamente seu parágrafo argumentativo. A partir daí fomos contruindo o restante de nossa sequência. De acordo com Kleiman (2000), o desenvolvimento das aulas pode assumir novos ritmos e caminhos a qualquer momento, segundo as necessidades e interesses dos alunos. Pensando nisso, na aula seguinte, levamos um artigo de opinião para que os alunos pudessem ter contato com um exemplo de texto argumentativo. Por fim, a produção

final foi obtida através de um processo de reescrita dos alunos a partir de nossa correção. Através dela pudemos observar o aprendizado dos alunos, que desenvolveram textos mais extensos, organizados e bem estruturados.

Considerações finais

Estagiar na escola Orestes Guimarães permitiu que tivéssemos, pela primeira vez, o contato com o Ensino Fundamental na escola regular. O estágio acabou contribuindo para mudar nossa visão com relação a dar aulas para crianças e como fazer isso. Embora essa seja uma tarefa um tanto desafiadora, percebemos que, a partir do momento em que o aluno se sente parte importante da aula, ele tem uma atitude mais receptiva. O primeiro passo para transformar nossas aulas é escutar os alunos, conversar com eles a fim de descobrir seus interesses, suas dificuldades, seus medos. A utilização de atividades lúdicas para abordar os temas exigidos pelo currículo escolar se mostrou, portanto, eficiente à medida que permitiram que os alunos se interessassem mais pelo tema e participassem mais das aulas. Como Paulo Freire (1996) prega em seus estudos, é preciso dar voz aos alunos e fazê-los perceber a força que podem ter: eles precisam reconhecer a importância deles mesmos como parte ativa de seu processo de aprendizagem.

Referências

BRASIL. **Base nacional comum curricular**: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, A. B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 375-400, jul./dez. 2010.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donoio. Como (não) corrigir redações na escola. In: RUIZ, E. M. S. D. **Como se corrige redação na escola**. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. p. 185-199.

THE USE OF RECREATIONAL ACTIVITIES: INCORPORATING TOPICS OF INTEREST TO STUDENTS IN THE CLASSROOM

ABSTRACT

This paper was written based in the theoretical studies of Kleiman (2000) and other educators such as Paulo Freire (1996) and Ruiz (1998), with the intention of demonstrating how important it is to incorporate to our classes subjects that are interesting to the students, mixing them with the subjects required by the school curriculum. In order to do that, we analyzed the results of the classes we had applied to the 7th grade at Orestes Guimarães State School. We could verify that, once we had incorporated the subject super-heroes to work with argumentative paragraphs, the students showed more engagement to the classes' topic. We concluded that this deeper involvement with the classes results from the students' feeling of belonging in the classes.

Keywords: Fun Activities; Learning Process; Inclusion; Student.

Envio: janeiro/2020

Aceito para publicação: junho/2020